

FICHA TÉCNICA

Título Dicionário de História da I República e do Republicanismo. Volume II – F-M

Coordenação científica

Ana Paula Pires (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Cordeiro (Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores)
David Luna de Carvalho (Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE)
Ernesto Castro Leal (Centro de História da Universidade de Lisboa)
Hélder Adegar Fonseca (NICPRI – Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais)
Manuel Loff (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)
Paulo Fontes (Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa)
Rui Ramos (Instituto de Ciências Sociais)
Vitor Neto (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra)

Coordenação geral

Maria Fernanda Rollo (Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa)

Edição Assembleia da República – Divisão de Edições

Revisão e índices Assembleia da República – Divisão de Edições (Conceição Garvão, Fernando Sequeira, Maria da Luz Dias, Noémia Bernardo, Paula Crespo, Susana Oliveira, Teresa Fonseca)

Capa e design Nuno Timóteo

Paginação e pré-impressão Textype e Ana Rita Charola
Impressão Rainho & Neves, Lda

Tiragem 600 exemplares

ISBN 978-972-556-556-8 (obra completa)

ISBN 978-972-556-558-2 (volume II)

Depósito legal 366 586/13

Lisboa, abril 2014

© Assembleia da República

Direitos reservados nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2008, de 30 de julho.

www.parlamento.pt

HISPANISMO

No quadro do debate ideológico suscitado pelo integralismo lusitano nos anos 20, António Sardinha publicou um volume intitulado *Aliança peninsular* (1924), no qual forjou o conceito de hispanidade para o opor ao suicídio da nacionalidade que para ele representava o iberismo republicano e federalista, defendido por uma corrente político-ideológica, desde os meados do século XIX. Assim, Sardinha fazia a apologia da superioridade da cultura e da civilização hispânicas, pois estas não tinham alinhado com o industrialismo judaico-protestante e tinham mantido a espiritualidade cristã. Razões de índole psicológica explicavam a formação da hispanidade e da portugalidade. O hispanismo recusava qualquer tipo de fusão política das nações peninsulares, uma vez que era sensível à especificidade de cada um dos países ibéricos. Daí a defesa da continuação do dualismo e paralelismo das duas grandes nações ibéricas. Neste sentido, a hispanidade era vista como a essência do paradigma ocidental da civilização (CARVALHO, 1993), ou seja de uma civilização espiritualizada nos diferentes atos da sua própria concretização histórica. A isso chamava Sardinha o imperialismo anímico, ou a soberania espiritual. Para o ideólogo integralista, a hispanidade representava uma recusa do imperialismo cultural francês que procurava estender-se aos países da Ibéria.

O hispanismo veio a suscitar uma verdadeira euforia por parte dos intelectuais mais radicais da direita espanhola, que se iludiram com as teses de Sardinha, vendo nelas a configuração de uma unidade da soberania e não entendendo a proposta do intelectual português cingida à unidade espiritual já sublinhada. Assim, alguns ideólogos espanhóis, entre os quais Juan Vásques de Mella e Nido y Segalerva, propunham mesmo a união entre a Espanha e Portugal no âmbito de uma união dinástica. De facto, desde a segunda década do século XX, um grupo eclético espanhol, de Miguel de Unamuno e Manuel Bueno, de Maetzu a Beneyto Pérez e Eugénio d'Ors, de Jesus Pabon a José Peman e ao marquês de Quintanar fizeram uma viagem de aproximação à realidade histórica e cultural portuguesa, caminho iberista como se pode ver na compilação *Dialogo peninsular* (1964). (CATROGA, 1996).

Porém, à maior parte destes intelectuais escapava a essência teórica do hispanismo advogado por António de Monforte. É que a unidade espiritual deste ensaísta colidia com as teses daqueles que apenas viam erradamente na hispanidade a unidade orgânica, institucional e política. Como sublinhou Fernando Catroga, interpretando Sardinha, Aljubarrota representava a derrota do imperialismo castelhano, assim como Toro demonstrava o fracasso das aspirações imperialistas portuguesas face a Espanha. Por isso, Sardinha usando a inspiração das ideias proudhonianas, que explicavam que os Estados limítrofes são os que maiores dificuldades têm em se unir, defendia que, por isso, o hispanismo era indesejável em relação ao dualismo e à recíproca independência. Sardinha concluiu: «A unidade entre Espanha e Portugal é mais *moral* que *física*, mais *espiritual* que *histórica*.» (SARDINHA, 1972).

Havia, segundo este integralista, um sentido místico ou gnóstico da vida dos povos ibéricos. Por isso, o hispano, o habitante das espanhas, era mais um criador de dogmas do que um fabricante de instrumentos. Para este, não existia uma visão puramente técnica e mecânica do mundo. O mundo industrial não estivera no horizonte

le procedeu a
tino Teixeira

o trabalho na
ria graduado
o Tamagnini
bel Hipólito,
comando da
3 de julho de
le campanha
scola Militar
fezembro de
imeira Divi-
na sufocação
la cidade do
contribuído
dominou na
encarregada
se poderiam
Foi coman-
donou após
té ao Movi-

lantação da
bra (legisla-
1920, para
governo de
or, de 24 de
1 filiado no
vultosos de
o Conselho

TA, António
, p. 182-184;
rial Enciclo-
Ministros da
rontamento,
el Hipólito»,
, *História de*

aulo Duarte]

dos hispanos mais estimulados na recriação espiritual do cristianismo. E, na verdade, fora assim, com a oposição explicada por Max Weber entre o mundo industrial dos países protestantes e a ausência de um espírito capitalista nos países católicos. Assim, o hispanismo era uma espécie de fronteira entre a espiritualidade, radicada na integridade nacional e no equilíbrio externo perfeito. Desta forma, o hispanismo recusava as ilusões políticas dos velhos iberistas, criadas a partir de 1851.

Bibliografia: CARVALHO, Paulo Archer, *Nação e nacionalismo. Mitos do integralismo Lusitano*, Coimbra, 1993 (edição policopiada); CATROGA, Fernando; CARVALHO Paulo Archer A. M., *Sociedade e cultura portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996; SARDINHA, António, *A aliança peninsular*, 3.^a ed., Lisboa, AP (Biblioteca do Pensamento Político), 1972.

[Vitor Neto]

inserido
fundam
como p
segunda
designa
estrutur
seguinte
D. Seb
Cristóv
Martim
coloniza
Azevedo
Lusitã
Azevedo
de publ
seguinte